

Dictionnaire du Moyen Âge, sous la direction de Claude GAUVARD – Alain de LIBERA – Michel ZINK, PUF, Paris 2002; LII-1548 pp.; ISBN 2-13-053057-5 (col. Quadrige / formato de bolso); ISBN 2-13-051825-7 (ed. em grande formato).

Este é o mais vasto dos dicionários sobre a Idade Média disponíveis em um volume. Foi publicado em simultâneo em duas edições que divergem na dimensão, uma delas com preço bastante conveniente, embora o formato de bolso tenha obrigado a uma apertada redução da dimensão da página, que quase torna necessária uma lupa para poder ser lido. Mesmo assim, vale a pena tê-lo à mão. A apresentação estatística é impressionante: 1790 entradas, escritas por 380 especialistas, 1600 páginas, 3 áreas científicas principais: História, Filosofia, Literatura. Quase toda a Idade Média em formato de bolso, mas volumoso, o que leva os coordenadores a humorizar que apesar da sua medieval desmesura este «não é um dicionário medieval. A sua perspectiva é mais modesta. É, sobretudo e felizmente, mais conforme à concepção moderna da historiografia» (p. VII). Mas, não é menos ambicioso, propondo-se nada menos que partir do cruzamento de saberes especializados para «fazer reviver uma Idade Média total» (p. IX). Tarefa árdua, porque a Idade Média impõe as suas exigências a quem dele se quer abeirar, é que sempre são mil anos de história, o que obriga a não esquecer as suas intrínsecas evoluções. E os coordenadores fazem questão de não facilitar a sua própria tarefa, aumentando as dificuldades até ao limite do paradoxo, propondo taxativamente uma dissolução do seu tradicional objecto de estudo: «o homem medieval não é uma pessoa imóvel: ele não existe» (p. IX). Por isso recusaram centrar o conteúdo das entradas nos momentos fortes e de apogeu, o que apagaria as crises transformadoras, a criação, a evolução de instituições. Solução: oferecer, isso sim, as «chaves que permitem penetrar no universo de homens e de mulheres com comportamentos e valores muito diferentes dos nossos», descodificando os termos e dando aos leitores as chaves da sua leitura social (p. IX). Porque «não há conhecimento do passado sem o das palavras do passado», axioma válido para a história, mas sobretudo para a filosofia ou a literatura (p. VIII). Em vez da fixidez das melhores imagens do milénio, prefere-se a dinâmica das suas mudanças. A curta introdução evita a questão dos limites cronológicos e geográficos ou civilizacionais da Idade Média, que o

conteúdo do dicionário circunscreve apenas à tradição latina cristã, mais ou menos entre as últimas décadas do século V e 1500.

Para além dos três directores, a obra contou com um comité científico distribuído pelas três áreas principais (p. XI), sendo a cada uma delas agregadas áreas afins. Com a História: direito, diplomática, instituições, economia, ordens religiosas, factos políticos; com a Filosofia: lógica, teologia política, conhecimento, mística; com a Literatura: latim, estilística, línguas vernáculas, géneros literários. E, em qualquer destas áreas, para além das entradas conceptuais, há abundante número de entradas onomásticas, institucionais e factuais.

Tratando-se de um dicionário, as entradas estão em sequência alfabética, respeitando-se a norma de manter os nomes medievais sem a inversão que é habitual para os autores posteriores a 1500. Todas as entradas são assinadas, com dimensão a variar entre algumas linhas e mais de uma dezena de páginas, possuem bibliografia que inclui fontes quando se trata de autores, e remissões para entradas associadas. A utilização do dicionário será facilitada pela compreensão da sua estrutura: para além do index final de que se falará mais abaixo, encontramos primeiro uma tábua das matérias, com a ordem alfabética das entradas e nome do respectivo autor (pp. XIII-XXX). A seguir é proposta uma tábua analítica em que as entradas estão agrupadas pelas 3 áreas disciplinares principais e dentro destas sob o respectivo coordenador de sector (pp. XXXI-L). Este índice analítico pode ser particularmente útil para uma percepção metahistórica da orientação e rede de interpretações que as entradas propõem. Faça-se o exercício olhando para as entradas de filosofia (pp. XLVII-L), que têm como coordenadores sectoriais O. Boulnois, R. Imbach, A. de Libera, J.-L. Solère, cada um dos quais reuniu um grupo de colaboradores, sendo raros os que colaboraram em dois dos grupos. A distribuição das entradas pelos coordenadores parece obedecer a um critério pouco menos que aleatório, para além das especialidades em que cada um é especialista consagrado.

Com raras excepções, todos os colaboradores na área da filosofia são francófonos, o que faz da obra um instrumento de trabalho ainda mais precioso, porquanto no domínio das obras de referência a produção anglófona é omnipresente, assistindo-se a uma aguerrida competição entre editores para o anúncio e publicação de *Companions* e outros *Dictionaries of the Middle Ages*.

Os grandes filósofos-teólogos estão assinalados, também os médios ou os quase desconhecidos aqui nos aparecem, de Abbo de Fleury a Walter Chatton. Muitos outros, de áreas afins como a mística ou o monasticismo, podem ser encontrados sob a pena de colaboradores de outras áreas. Estranhamente, autores como Hugo de S. Vítor ou Sigério de Brabante não possuem entrada própria, certamente por algum atraso dos possíveis autores. Como não têm entrada própria, embora isso seja mais compreensível, nenhum dos mais importantes autores associados ao pensamento em Portugal na Idade Média, como Martinho de Braga, António de Lisboa, Pedro Hispano, Álvaro Pais, Álvaro Tomás.

Aliás, em todo o dicionário a medievística filosófica portuguesa está praticamente ausente, com apenas um ou outro artigo editado por esta revista *Mediaevalia* a aparecer em entradas como Henri de Gand, *idée*, Jean de Seville.

As duas centenas e meia de entradas de filosofia, nem sempre de qualidade uniforme, abrangem não só autores, mas também conceitos ou complexos conceptuais (ao acaso: abstraction, aevum, analogie, causalité, *idée*, intentio, mal, universaux, etc.), disciplinas (arts liberaux, arts mécaniques, astronomie et astrologie, logique, mathématiques, physique, etc.), géneros literários (obligationes, sophismata, etc., mas commentaire, quaestio, sentences e somme apenas são tratados na entrada scolastique), correntes (aristotélisme, mystique rhénane, platonisme, etc.), instituições (université, mas no dicionário não existe a entrada école). Um bom percurso de exploração é fornecido justamente pelo verbete “Philosophie” que nas suas 13 páginas é talvez o mais longo da obra e nos mostra como para os autores pode ser um divertimento a invenção de um improvável e quimérico historiador (pp. 1081-1094). Partindo de uma exploração dos avatares historiográficos da disciplina, abandonam qualquer concepção *a priori* de filosofia, optando pela indagação do que os medievais entendiam por filosofia e quais as respectivas especificidade e processos, começando justamente pelas divisões medievais da filosofia, então articulada em diversas áreas de extensão ampla, cuja transmissão se fixará nos séculos XII e XIII na instituição universitária, em particular na Faculdade de artes (ou Faculdade de Filosofia?), onde emergirão tensões e discussões com a faculdade superior, que fazem da Idade Média um dos períodos mais férteis da história da filosofia e da teologia e também da metafísica, campo comum a ambas. Os autores exploram as principais discussões dos séculos XIII e XIV (a que de certo modo é reduzida a Idade Média filosófica), em dois domínios particulares: o estatuto da metafísica e da teologia, a busca de um específico e autónomo modo de felicidade filosófica. Os dois temas evidenciam aliás o quanto é errado ver-se a filosofia praticada na Idade Média como simples instrumento da teologia, afirmando-se pelo contrário o quanto é teológica a filosofia medieval, ou o quanto é filosófica a teologia medieval. O verbete termina com uma caracterização do novo medievismo filosófico, centrado nos textos e na sua contextualização, que dá uma nova respiração à discussão do problema da unidade da filosofia medieval, que já não é possível de reduzir a uma unidade doutrinal, ou a uma uniformidade de método, aliás inexistentes. Filosofia que no mundo ocidental e cristão se funde com a base da instituição universitária, que assim se torna corpo e garante da sua sobrevivência e influência nos mais diversos domínios da cultura e das ciências.

Apesar do vasto campo temático abrangido por estas entradas temáticas de filosofia, mesmo assim ele é menos amplo que o belo conjunto de entradas de filosofia medieval latina e árabe publicadas em *Les notions philosophiques. Dictionnaire*, em 2 vol., da *Encyclopédie philosophie universelle*, tomo II, PUF, Paris 1990, para cuja lista ver as respectivas pp. 3262-3. Quanto aos filósofos medievais veja-se também *Les oeuvres*, vol. 1, da mesma *Encyclopédie*, tomo III. É certo que o *Dictionnaire du Moyen Age* integra os

mais recentes resultados da investigação, mas não é um acaso que a casa editora das duas obras seja a mesma, assim como coincidem o modelo dicionarístico e uma boa parte dos autores das entradas sobre filosofia medieval colaboraram em ambas as obras. Apesar de tudo, muitas entradas não superam as do também francês *Dictionnaire des lettres françaises. Le Moyen Age* (ed. revista e actualizada sob a dir. de G. HASENOHR – M. ZINK, Fayard, Paris 1992; 1.ª éd. Paris 1964, dir. de R. BOSSUAT – L. PICHARD – G. RAYNAUD DE LAGE) que, por isso, mantém a sua utilidade.

Seria uma derrota deste projecto de «Idade Média total» se, por limitação de interesses, nos isolássemos nas entradas de filosofia. A vantagem deste dicionário, entre outras, é que podemos com um movimento de mão seguir o roteiro de remissões, ou passar de uma entrada a outra, para recompor o contexto histórico, literário, até geográfico e mesmo político e factual de um dado autor, de uma obra ou de um vocábulo. Podemos fazer de medievais e vaguear, deixando-nos associar um conceito aos seus críticos, entrar num mosteiro, passar por uma guerra de vários anos ou de rosas, compreender os vassallos, ver a feira, andar na floresta, encontrar um texto anónimo, para terminarmos reencontrados numa cidade ou por uma heresia, percorrendo assim a vertiginosa diversidade de que se fazem mil anos de história. Ou então simplesmente usá-lo para resolver uma dúvida ocasional. Em qualquer dessas formas de leitura o dicionário cumpre a sua função de referência rápida e de recurso heurístico, assinalando caminhos a percorrer e apontando pistas a seguir em desenvolvimentos mais aprofundados. Para a paisagem ser ainda mais completa, lamenta-se apenas a entradas sobre ciência.

O útil e vasto index com que o volume termina (pp. 1487-1548) reenvia para as entradas, sendo particularmente útil nos casos em que um autor, conceito ou facto não têm entrada própria. Neste index não aparece Portugal (ao contrário de Andalus, Catalogne, Espagne, etc.), apesar da existência de entradas como: *réligieux galego-portugais (écrits)*, Portugal, reconquista, Denis I.^{er}, cantiga de amigo, etc. (para as entradas do domínio literário galaico-português cfr. p. XLIVa).

É inevitável que numa obra desta extensão ocorram gralhas e mesmo erros, que haja perspectivas parciais e parcelares, inexplicáveis ausências, uma ou outra entrada supérflua e dispensável. Felizmente a obra perfeita não existe, mas esta é verdadeiramente útil e indispensável na biblioteca de qualquer medievista. Com a vantagem de ser uma obra de referência com um preço acessível, pelo menos a edição de bolso.

Saber se o dicionário ganha a aposta dos coordenadores («por em causa as ideias feitas, para reabilitar a Idade Média», p. X) é algo que apenas cada um dos seus utilizadores e sobretudo o longo devir das relações entre a disciplina e o saber popularizado o permitirá dizer. Os que partilhamos a mesma paixão e interesses, bem gostaríamos que assim fosse.

J.F. Meirinhos